

# O IMAGINÁRIO DA LIBERTINAGEM EM SADE

## THE LIBERTINE IMAGINARY BY SADE



Taitson Alberto Leal dos Santos<sup>1</sup>  
(Universidade Metodista de Piracicaba)

Vol. 8 nº 16 jul./dez. 2013  
p. 393-401

**RESUMO:** Propomos com esse artigo uma análise e conceitualização acerca do *imaginário*, compreendendo ser esta uma importante categoria na busca de compreensão do universo ficcional e filosófico do literato libertino Marquês de Sade, possibilitando mais uma chave de leitura e levando-nos a uma maior clareza de suas ideias transgressoras, bem como das críticas elaboradas e defendidas pelo autor direcionando-as aos valores vigentes no contexto iluminista da pré-Revolução e da pós-Revolução. Para tanto, torna-se necessário resgatar as concepções por detrás dessa faculdade (o imaginário) e contextualizá-la partindo de alguns referenciais teóricos para, posteriormente, assinalarmos seu sentido na obra de Sade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marquês de Sade, Imaginário, Educação.

**ABSTRACT:** We propose in this paper an analysis and conceptualization about imagination, understanding that this is an important category in the search for understanding of the fictional universe of the literary and philosophical libertine the Marquis of Sade, allowing another key reading and taking us to greater clarity their transgressive ideas and criticism elaborated and defended by the author directing them to the values existing in the context of pre-Enlightenment Revolution and post-Revolution. Therefore, it becomes necessary to rescue the concepts behind this collage (the imaginary) and contextualize it leaving some theoretical references for later, we mark its meaning in the work of Sade.

**KEYWORDS:** Marquis de Sade, Imaginary, Education.

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Especialista em Educação, Filosofia e História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Licenciado em Filosofia (UNIMEP). Docente do Instituto Educacional Piracicabano e pesquisador do Grupo de Pesquisa: Walter Benjamin, Filosofia, Educação (PPGE-UNIMEP).  
E - m a i l :  
taasanto@unimep.br.

Quando se pensa em imaginário, nossas primeiras impressões e reflexões nos remetem imediatamente a pensar uma relação com o real, com o concreto, com a realidade vivenciada e que nos parece “verdadeira”. O imaginário, por isso, é também caracterizado por uma ambiguidade, seu duplo aspecto, positivo e negativo, potência criativa, afetiva que se manifesta mediante o inconsciente e também na força bruta, primitiva, fantasiosa e exagerada do inconsciente. O imaginário está ligado, como se pode dar a compreender, às imagens, aos mitos e aos símbolos ficcionais, como a força propulsora, aquela força que antecede e impulsiona a razão a funcionar de maneira equilibrada, a fim de manter o vínculo ou estabelecer uma consistência com a realidade sensível (SILVA, 2011). Isso posto, percebe-se a dificuldade, mas também a necessidade, de melhor conceituar essa categoria, buscando referenciais que contribuam para uma melhor compreensão da mesma.

Ainda que o imaginário, enquanto substantivo, esteja cada vez mais presente em certos discursos, e nos remeta a variadas expressões, tais como o sonho, o devaneio, o mito. O termo em si é, relativamente, recente em algumas línguas. Conforme Wunenburger (2007, p.7):

**O termo foi inscrito recentemente na língua francesa e parece ignorado em muitas línguas (não há um equivalente em inglês). Chr. Chelebourg indica o aparecimento do termo em Maine de Biran em 1820 ou mais tarde em Alphonse Daudet, que fala de um ‘imaginário’, isto é, de um homem afeito aos devaneios. Villiers de L’Isle-Adam evoca na ‘Eva futura’ esse domínio do Espírito que a razão denomina, com um desdém vazio, o ‘Imaginário’.**

Opondo-se ao termo “imaginação”, mais ligada a uma faculdade psicológica ou função simbólica, e a outras noções de tradição romântica e da filosofia racionalista, é que se começa a pensar, na primeira metade do século XX, o imaginário como categoria independente, distanciando-se paulatinamente da concepção clássica de imaginação, principalmente, porque “o imaginário não é apenas um termo que designa um conglomerado de imagens heteróclitas, mas remete para uma esfera psíquica onde as imagens adquirem forma e sentido devido à sua natureza simbólica” (WUNENBURGER e ARAÚJO, 2003, p. 23). Destacam-se nesse período, sobretudo, as obras de Gaston Bachelard e em seguida Gilbert Durand, autores que aqui resgatamos.

Ainda quanto às dificuldades de delimitação do termo imaginário, segundo Jean-Jacques Wunenburger, costumam-se encontrar outros que mostram sensíveis aproximações, mas que não deixam claro a dimensão que estamos ora resgatando, tais como: mentalidade, mito, ideologia, ficção, temática, imagem, símbolo e arquétipos.

O termo *mentalidade* foi largamente utilizado pela Escola dos Annales como uma modalidade historiográfica, ou ainda, uma metodologia que privilegiava a maneira de pensar e sentir dos indivíduos ou grupos situados num mesmo momento histórico e de que forma tais visões de mundo, ou modos de sentir, caracterizam um sistema de crenças ou valores próprios de uma época. Abordagem similar faz a História Cultural, ao tratar a história como estudo interdisciplinar. “Mais concreto do que a história das ideias, o estudo das mentalidades permanece, contudo, mais abstrato do que a descrição dos

imaginários” (WUNENBURGER, 2007, p. 08).

O *mito* é cognominado como sendo um conjunto de narrativas constituintes de um patrimônio cultural. Tais narrativas são revestidas de simbolismo essencialmente antropozoomorfizando personagens numa tentativa de explicação da realidade. Entendido também como “o elemento intermediador em todos os trabalhos, o fio dos discursos, dos relatos, das construções, das distribuições e das sequências” (SILVA, 2001 I, p.23). Ainda conforme Luzia Batista de Oliveira Silva, retomando Gilbert Durand, “o mito é a matriz de todo discurso, entendido como um sistema dinâmico de símbolos e arquétipos que, sob o impulso de um esquema, tende a se compor em narrativa” (SILVA, 2001 I, p.23). Todavia, ainda que o mito constitua-se como uma das mais elaboradas configurações de imaginário, ainda assim “não basta para esgotar crenças coletivas não fundadas objetiva ou positivamente” (WUNENBURGER, 2007, p.9).

Silva (2011, p.25) pontua que em Gilbert Durand:

**O imaginário funciona sobretudo como fecundador e organizador da vida dos homens, como instância de mediação na relação do homem consigo mesmo, com o outro, com o mundo. Atua igualmente como uma rede ou sistema de relações, ou seja, um sistema dinâmico e organizador de imagens, no qual há plena integração e livre circulação entre a via racional e a via imaginária.**

Na obra de Durand (1997), também é significativo o papel atribuído às imagens, que devem ser compreendidas enquanto símbolos, os verdadeiros mediadores na esfera do imaginário. Por mais degradada que possa estar uma imagem, ela é aquele elemento portador de um sentido, o qual não deve ser buscado fora do imaginário, mas em seu próprio domínio.

Quanto ao imaginário na obra de Gaston Bachelard, Silva (2011, p.55-56) considera que:

**Uma teoria da imaginação para Bachelard deve preocupar-se em discernir atividade onírica de atividade intelectual, procurando perceber a importância das imagens no processo de formação das ideias. Imaginação, para Bachelard ... corresponde a imaginário, sendo ambos os termos sinônimos. A primeira é faculdade de formar imagens fornecidas pela percepção, faculdade essa que pode libertar-nos da sedução das imagens primeiras, transformando-as em nosso psiquismo, visto manter-se sempre aberta, evasiva, experiência mesma da abertura, da novidade, soma de nossas experiências. Para ele, ‘se déssemos mais importância à imaginação, veríamos muitos falsos problemas psicológicos esclarecidos’... O imaginário, além de dinamismo organizador, é fator de homogeneidade de qualquer representação. É a faculdade de formar imagens e de deformar a realidade, podendo coordenar reciprocamente o pensamento de forma mais íntima. [grifos nossos]**

O imaginário sadiano é potente, Sade parece incorporar o verdadeiro mestre para **formar imagens e deformar a realidade**, imagens que surpreendem, que parecem

impossíveis ou jamais pensadas, sonhos que apontam realidades absurdas, aflições que não podem alcançar a casa dos sonhos, mas dos pesadelos, dos quais não podemos nos evadir. Deforma a realidade, nos faz ver um mundo que parecia não existir, uma realidade que se esconde atrás das sombras que chamamos realidade.

Em Sade a massa, o elemento sólido (a terra, o barro) é o mais “palpável”, aquele que concentra certa consistência substancial, como as matérias orgânicas que Sade recorrentemente cita em seus discursos: merda, cérebro, pedaços de membros, de preferência alijados, esperma, urina, genitálias masculinas e femininas, peitos, bundas, pernas, braços, orelhas, línguas, mãos, pés e muitos outros membros do corpo.

A matéria em Sade é atrativa; é algo que lhe incita prazer, para descrever e para manipular, o que faz de maneira erótica e violenta; o corpo é a matéria, a massa sólida para sua manipulação; as partes e membros de um corpo são expressões vivas de uma matéria como fonte de energia, que deve ser explorada até seu esgotamento total, visto que provoca e se nutre da energia de outras matérias, corpos e órgãos.

Cabe fazer uma analogia, tal como o explorador de corpos na fábrica, para quem a energia do corpo é gasta em atividades que geralmente não permitem nenhum tipo de prazer ao trabalhador. Sade é o explorador de corpos que são subjugados ao prazer do libertino; por exemplo, a merda<sup>2</sup>, vista como uma matéria de repulsa e asco, Sade a vê como uma matéria que conjuga repulsa e atração, curiosidade e alimento de prazer do libertino; alimento que choca os sentidos, que faz crianças se sentirem como criadoras de uma matéria que tem poder econômico, uma matéria de barganha, que, inicialmente, não passa de diversão, até a presa ser atraída por situações mais comprometedoras e constrangedoras; dados os inconvenientes da situação em que a criança é colocada, ela mesma uma peça de barganha para o prazer do libertino.

Parece conveniente lembrar que, nas indústrias do período em que Sade viveu, crianças pobres também ficavam expostas aos perigos dos trabalhos e esgotadas por um trabalho fatigante, de 14 ou 16 horas; que não passavam de corpos explorados na linha de trabalho.

Tomando como exemplo o conceito de *ideologia*, pode-se dizer que ele é amplo em significados, podendo ser expresso como um conjunto sistemático e orgânico de ideias que se aquiesce sem profundas argumentações por meio de um discurso não narrativo, ou ainda, como tentativa de convencimento por meio de um falseamento da realidade. Segundo Maffesoli:

**A ideologia, contudo, guarda sempre um viés bastante racional. Não há quase lugar para o não-racional no olhar ideológico. No fundo do ideológico há sempre uma interpretação, uma explicação, uma elucidação, uma tentativa de argumentação capaz de explicitar. Há algo, racional, que derivará da aplicação da noção de ideologia. A ideologia é uma premissa que deve levar, necessariamente, a um desvendamento. A ideologia, portanto, é sempre pensada, passível de racionalização.**

Já o imaginário, mesmo que seja difícil defini-lo, apresenta, claro, um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o

chamadas práticas (MAFFESOLI, 2001, p. 76-77).

Gaston Bachelard dedica-se à investigação da imaginação compreendendo a importância e a onipresença das imagens na vida mental, conferindo-lhe criatividade onírica, raiz da relação poética com a realidade, diferenciando-se das investigações realizadas por Jean-Paul Sartre, que entende imaginação e imaginário como nadificação da consciência e irreal (Cf. WUNENBURGER, 2007).

Afirma Wunenburger (2007, p.18-19) que as “imagens que se impõem como obstáculos à abstração revelam-se, pelo contrário, positivas para o sonho (...)” e, portanto, como fonte de criação.

(...) Bachelard situa as raízes da imaginação em matrizes inconscientes (os arquétipos), dissociando-se elas próprias em duas polaridades, masculina (*Anímus*) e feminina (*Aníma*), que modificam o tratamento das imagens quer no sentido voluntarista de luta, quer no sentido mais pacífico de reconciliação. Longe de ser recalçadas, como para Freud, essas imagens são em seguida transformadas por uma consciência perceptiva em imagens novas ao contato dos elementos materiais do mundo exterior.

- por fim, as imagens encontram sua dinâmica criadora na experiência do corpo, por exemplo a atividade de expressão linguística ou do trabalho muscular por meio de seus movimentos, seus ritmos, a resistência das matérias trabalhadas pelo gesto, e por fim a consciência temporal descontínua, feita de instantes sucessivos e inovadores, arrebatados por um ritmo (WUNENBURGER, 2007, p.18-19).

As imagens em Sade sofrem também uma “transformação” e, assim como afirma Wunenburger acerca de Bachelard, no autor de *Os 120 dias de Sodoma*, também não as encontraremos de forma “recalçada”. Se assim fosse, encontraríamos em sua obra fortes conotações da *clausura*. Conforme vemos em sua literatura, o claustro, a alcova, os conventos e castelos remotos e afastados da civilização são espaços fundamentais na obra sadiana, mas como recurso e expediente – ou mesmo proteção - dos libertinos; nunca num sentido “libertador”, devido aos muitos anos em que viveu no cárcere.

Talvez se possa até mesmo dizer que esse transbordamento de imaginação se deve à clausura imposta ao escritor, como sugere Bataille. ‘Sem a reclusão, a vida desordenada que ele levava não lhe seria permitido a possibilidade de alimentar um desejo interminável, que se propunha à sua reflexão sem que pudesse satisfazê-lo’. Na solidão do cárcere, que o obriga a amortecer o corpo, Sade deixa o pensamento transbordar. Impossibilitado de realizar a carne, ele anuncia a realização da consciência (MORAES, 2011, p. 46).

O libertino está sempre disposto ao prazer, este, para ser concretizado, está sujeito a uma prática sistematizada valendo-se de inúmeros procedimentos e posturas, em que a imaginação tem caráter efetivo. Sade faz uso desse recurso imaginativo e o experiencia por meio de suas personagens. Na *terceira parte* de *Os 120 dias de Sodoma*,

lemos o seguinte relato de um libertino:

**Ele fode uma cabra de quatro enquanto o açoitam. Ele faz um filho nessa cabra, que ele enraba por sua vez, embora seja um monstro. (...) Ele manda colocarem-no numa cesta preparada, que tem uma abertura apenas num lugar, onde ele põe o cu esfregado com porra de égua. A cesta, não apenas é coberta por uma pele desse animal como imita o seu corpo. Um cavalo inteiro, adestrado para tanto, enraba-o, e, enquanto isso, na sua cesta, ele fode uma linda cadela branca (SADE, 2011, p. 312).**

A imaginação de seus libertinos, tal qual a sua, não tem limites. Em *A filosofia na alcova*, como nota de apresentação e dedicatória intitulada “Aos Libertinos” faz apologia da força e importância das forças imaginativas.

**Convençei-vos em sua escola que, só estendendo a esfera de seus gostos e de suas fantasias, só sacrificando tudo à volúpia, o infeliz indivíduo denominado homem e jogado a contragosto neste triste universo conseguirá semear algumas rosas sobre os espinhos da vida (SADE, 1999, p. 11). [grifo nosso]**

Todavia, a imaginação, no que tange ao contexto educativo, pode mostrar-se perigosa. Conforme Augusto Contador Borges (1999, p. 228):

**Foi justamente o medo do grande potencial da imaginação que levou Rousseau a recomendar aos educadores a controlá-la nas crianças, não deixando que ela as excitasse muito cedo, temendo que seu uso desenfreado as tornasse infelizes no futuro.**

Mas Sade, que vai sempre de encontro aos valores estabelecidos e contra toda e qualquer institucionalização, tal como um espelho, “que reflete as contradições, não só de seu tempo, mas de todo o sistema reto que o homem desejou produzir” (GIANNATTASIO, 2000, p. 151), principalmente contra aqueles que prometem e impõem grilhões ao prazer e ao gozo, “motor essencial ao desejo libertino” (BORGES, 1999, p. 228), insiste em desatar, também, a imaginação na/da libertinagem, entendendo-a como unívoca à liberdade e potencializadora da rebeldia. Assim afirma uma de suas personagens: “os efeitos de uma imaginação tão depravada como a minha, são como as águas impetuosas de um rio que transborda” (Sade *apud* GIANNATTASIO, 2000, p. 151).

O projeto sadiano somente se efetiva, de modo pleno, no plano da imaginação. Por isso, Sade aceita a realidade dada acolhendo, e intensificando, seus paradoxos. Nas palavras de Simone de Beauvoir, em seu ensaio *Deve-se queimar Sade?* afirma que o Divino Marquês principia

**A desinteressar-se desse mundo a um tempo aborrecido e ameaçador que nada lhe propõe de válido e ao qual pede demais; irá buscar, alhures, a sua verdade. Quando escreve que a paixão do gozo subordina e reúne ao mesmo tempo todas as outras, dá-nos exata descrição de sua própria experiência;**

subordinou a sua existência ao seu erotismo porque este se lhe afigurou a única realização possível desta existência; se ele se lhe devota com tal ímpeto, imprudência e obstinação, é porque concede maior importância às histórias que através do ato voluptuoso ele próprio se relata do que aos acontecimentos contingentes: escolheu o imaginário (1955, p.4). [grifo nosso]

O imaginário supre as *falhas* e limites da razão, e é transcendendo o claustro da razão e do real que Sade encontra a liberdade desejada.

Sade vislumbra a possibilidade de “desenclausurar-se” transformando a essência do vivido em matéria textual, garantindo liberdade aos excessos de sua imaginação e realizando na literatura as mais estranhas exigências que o atormentavam.

O mundo de Sade é plenamente possível na literatura. “Sade realiza na literatura uma ficção absoluta do eu, produzindo uma outra felicidade para o homem íntimo, construindo para ele um lugar onde tudo é suprido, onde não há amor nem fome, signos da falta” (MORAES, 1994, p. 208).

Arte e utopia sob o signo da crueldade constituem-se como um retrato do mundo às avessas, nesse mundo idealizado e criado imaginativamente, o crime torna-se lei porque é assim que se renova a natureza. Um mundo sem Deus e conseqüentemente, sem qualquer justificativa para a moralidade, ou filosofia política.

Para ele, tratava-se de “revelar a verdade por completo”, o que implicava abrir mão de todo e qualquer preconceito para ampliar as possibilidades de entendimento do homem, levando em conta suas fantasias mais secretas, cruéis e inconfessáveis. “A filosofia deve dizer tudo”, reitera a personagem principal de *Histoire de Juliette* (MORAES, 2011, p. 151).

Seu sonho distorcido, sua imaginação panfletária, viril, potente e profundamente fértil é também uma forma de posicionamento crítico aos valores da sociedade e da aristocracia francesa, sendo realizada através da linguagem, da violência com a linguagem, numa tentativa de alcançar o domínio estético, como algo bem mais atraente e fascinante, apesar de sua face disforme, horrível, do que seu sistema filosófico disjuntivo, enigmático. Não sem mérito, Sade é considerado um dos maiores livres-pensadores do seu tempo. E nas palavras do poeta Apollinaire: “o espírito mais livre que jamais existiu no mundo” (MORAES, 2011, p. 114).

Em suma, em todos os grandes temas da Ilustração, Sade é aliado, e também, adversário dos filósofos, da moral cristã, dos valores e dos bons costumes, crítico de uma moral de vanguarda, espezinhador dos disfarces dos reprimidos e também dos repressores da sociedade.

Seu combate parece ser o mesmo dos grandes filósofos, porque está a favor da descristianização, da implantação de uma moralidade secular baseada na natureza e na utilidade, do estabelecimento de um Estado livre, da redução das desigualdades sociais, da emancipação da mulher, mas também parece que defende o contrário de tudo isso, porque ao mesmo tempo, ele sabotava esse combate, solapando, pela hipérbole, pela inversão e pela paródia, todos os ideais das Luzes.

Valendo-se de uma estratégia de contraste, Sade provoca uma metamorfose da igualdade em castas e da liberdade em predomínio.

Enfim, ele parodia alguns dos temas mais importantes da Ilustração, desmoralizando-os. Ele parodia o ideal pedagógico da Ilustração, cristalizado em livros como o *Emile*, escrevendo não “romances de formação” inofensivos, do gênero de *L'éducation de Laure*, em que se tratava simplesmente de educar uma jovem para os prazeres de uma sexualidade livre, mas verdadeiros *Bildungsromane* do crime, como *La philosophie dans le boudoir* e *Juliette*, em que as discípulas são educadas para a crueldade e para o assassinato. (ROUANET, 1996, p.190-191).

Por isso, nas palavras de Camille Paglia (1992, p. 222): “Nenhuma educação sobre a tradição ocidental está completa sem Sade. Deve-se enfrentá-lo, em toda sua feiura”. Pois, o que determina “o supremo valor de seu testemunho é que ele nos inquieta. Obriga-nos a examinar de novo o problema essencial que, sob outras figuras, obseda nosso tempo: a verdadeira relação do homem com o homem” (BEAUVOIR, 1955, p. 37).

E, sem julgamentos, condenação ou absolvição, cerramos as cortinas ouvindo a voz de Marquês ao fundo: “Só me dirijo às pessoas capazes de me entender, e essas poderão ler-me sem perigo. Mate-me novamente ou aceite-me como eu sou, porque eu não mudarei. A minha maneira de pensar, você diz, não pode ser aprovada. E que me importa? Bem idiota é aquele que adota uma maneira de pensar para os outros! Não foi a minha maneira de pensar que provocou a minha desgraça. Foi a maneira de pensar dos outros”.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. SP: Martins Fontes, 1990a.
- \_\_\_\_\_. **O ar e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação do movimento. SP: Martins Fontes, 1990b.
- BEAUVOIR, Simone. **Deve-se queimar Sade?** 1955. Disponível em: <<http://www.bergfiles.com/i/bf59ab324dh17i0>>. Acesso em 30/10/2013.
- BORGES, Augusto Contador. **A revolução da palavra libertina**. In: SADE, Marquês de. A filosofia na alcova. SP: Editora Iluminuras, 1999.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 13. ed. RJ: José Olympio, 1999.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. SP: Martins Fontes, 1997.
- GIANNATTASIO, Gabriel. **Sade**: Um anjo negro da modernidade. SP: Imaginário, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 15, agosto 2011, quadrimestral. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/285>>. Acesso em 30/10/2013.
- MORAES, Eliane Robert. **Lições de Sade**: ensaios sobre a imaginação libertina. SP: Iluminuras,



2011.

\_\_\_\_\_. **Sade**: a felicidade libertina. RJ: Imago, 1994.

PAGLIA, Camille. **Personas sexuais**: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson. Trad. Marcos Santarrita; SP: Companhia das Letras, 1992.

ROUANET, Sergio Paulo. O desejo libertino entre o Iluminismo e o Contra-Iluminismo. In: NOVAES, Aduino (org.). **Libertinos libertários**. SP: Companhia das Letras, 1996.

SADE, Marquês de. **A filosofia na alcova**: ou, Os Preceptores Imorais. Tradução, posfácio e notas de Augusto Contador Borges; SP: Editora Iluminuras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os 120 dias de Sodoma**: ou a escola da libertinagem. Tradução e notas Alain François. SP: Iluminuras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os infortúnios da virtude**. Trad. Celso Mauro Paciornik. SP: Iluminuras, 2008.

SANTOS, Taitson A. L. dos. **A filosofia do divino Marquês**. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=1223&cat=Ensaio&vinda=>>. Acesso em: 30/10/2013.

\_\_\_\_\_. Os valores naturais sadianos. In: **Revista Urutúgua**. Ano I - Nº 04 – Maio de 2002 – Quadrimestral - Maringá - PR – Brasil. Disponível em: <[http://www.urutagua.uem.br/04fil\\_santos.htm](http://www.urutagua.uem.br/04fil_santos.htm)>. Acesso em: 30/10/2013.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **Cecília Meireles**: imaginário, poesia e educação. SP: Terceira Margem, 2011.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. Trad. Maria Stela Gonçalves. SP: Loyola, 2007.

WUNENBURGER, Jean-Jacques e ARAÚJO, Alberto Filipe. Introdução ao imaginário. In: ARAÚJO, Alberto Filipe e BAPTISTA, Fernando Paulo (coord.). **Variações sobre o imaginário**: domínios, teorizações, práticas hermenêuticas. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

Recebido em 04/11/2013

Aprovado para publicação em 10/12/2013